

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 57

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE DEZEMBRO DE 1904

É prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno 8\$000
Semestre 4\$000
Trimestre 2\$000

Brazil
Anno 52\$000 moeda fraca
Semestre 30\$000

Territorios da união postal
Anno 10\$500
Semestre 5\$500



Agencia em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Escritaria Izalinda
Rua S. Bento, 35-A

LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO,"

43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

PATISSERIE BENARD 104, Rua Garrett, 104 LISBONNE

BEBAM SÓ O CHAMPAGNE Moët & Chandon da colheita de 1898

Empreza Vinicola WENCESLAU Succesores FUNSELA, COSTA & C.

SAPATARIA PARISIENSE Eduardo de Sousa Calçado de todas as qualidades

UTÓMOVÉIS PEUGEOT São os melhores da classe em todo o mundo

SEGUREM A VIDA NA MUTUAL LIFE Praça dos Remolares

ELYSIO SANTOS & C. A. Mobília e estofos

BUCELLAS HOCK Sandeman E o melhor vinho branco

DEPOSITO DE AZEITES Quinta das Relíquias - Memória

Kermesse de Paris Completo sortimento de brinquedos

SE QUEREMOS O MELHOR TEMOS O MELHOR

Chronometre ZENITH O melhor relógio em todo o mundo

Relojoaria de precisão para todos os usos

OS UNICOS SEGuros de vida COM SORTE

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

CANDEIROS Electro-acetylene GRANDE NOVIDADE

Espingarda Central de G. Heitor Ferraz

RELOJOEIROS A. J. D'OLIVEIRA & C.

Materiais de Electricidade Gaz e Agua

JOSÉ VICENTE RIBEIRO Electricista da casa Górdio e Pillar

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Relojoaria de precisão para todos os usos

Trabalhos á machina de escrever Copias perfectas de qualquer documento

Talheres de christoffle E mais artigos para mesa

Espeelhos e vidros polidos da Fabrica de S. Isidoro

SANTOS CAMISEIRO Roupa branca para homens

Vaccaria Camões Leite puro de vacas mantidas ao fresco

Optimo café Torrado e moído

Lote especial da nossa casa KILO 720

Jeronymo Martins & Filho

VIZELLA Artigos de retrezeiro, malva e perla

AMPLIACOES PHOTOGRAPHICAS em Paris

BACALHAU Por grosso á muito á pouco

Papelaria Progresso DE A. BRANCO & C.

Patisserie Suisse H. de S. J. de S. J. de S. J.

ancoraram da Palestina A mais importante e melhor

FABRICA D'ITALIA CHAPEUS para senhoras e crianças

JOSÉ FELICIANO ALVES D'AZEVEDO & C. PHARMACEUTICOS

ARMANHA & C. FARRAS completos

FABRICA DE LUVAS Campanella & C.

RETROZEIRO E MODAS Especialidade em artigos para chapéus

ARMAZEM DE VIVERES José da Costa

RETOZARIA DAVID SOBRINHO

PECHINCHAS Associações para todos os usos

privilegios e registos de marcas MACHADO DA CRUZ

JOSÉ GONÇALVES & C. Oficina de Torneiro e Serralheria

Flores naturaes JARDIM DE LISBOA

Vieira da Silva ALFAYATE

COLCHARI de Viuva Germano Quintão

TABACARIA MAIA

AGUAS DE MOUZA

Medicinas para diabéticos

Pastelaria Marques

NOVA PEKIN

VIUVA Thiago da Silva & C.

RELOGIOS

ASSOCIAÇÃO Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

Associação Vinicola da Bairrada

FRANCISCO RAMOS LISBOA 1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio) - 17, 18, 18-AA, 18-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA CORRETOR VIRGELIO DA COSTA Escriptorio - Rua de El-Rei, 112 e 114

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES ATELIER DE ALFAIATE A. C. LOPES & C. LISBOA 55, Rua Ivens, 57, 1.º

FAZENDAS
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CASA AMIEIRO

(SUCESSORES)

LISBOA
55-RUA IVENS-57
TELEPHONE N.º 1110.

A. C. LOPES & C.^{TA}



SOBRETUDO

Em magnifico cheviote inglez
com forros de setim de lã

30\$000 RÉIS

com forros de seda de primeira
qualidade

36\$000 RÉIS

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA

EXECUTA-SE TODA A ESPECIE

DE FATOS PARA HOMEM E SENHORA

AVENIDA PALACE

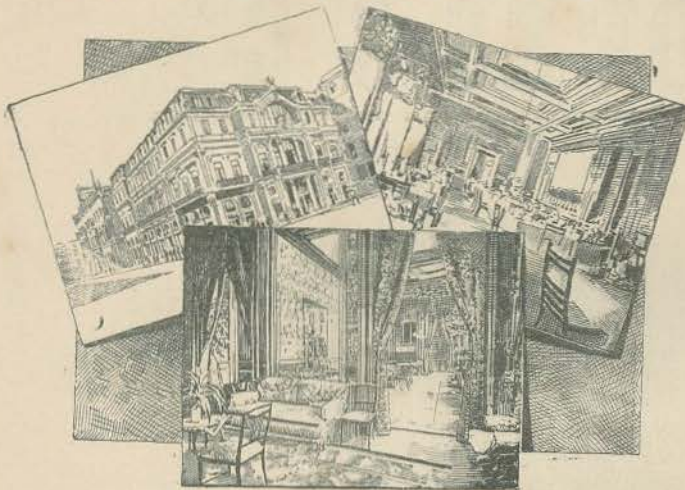
GRANDE HOTEL
INTERNACIONAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

DIRECTOR

Charles Geneyme

TELEPHONE 158



O hotel Avenida Palace pertence á grande companhia dos WAGONS LITS e está situado no mais bello e hygienico local da cidade.

O grande palacio onde está installado foi construido expressamente para esse fim, tendo todas as commodidades, obedecendo a todas as prescripções hygienicas modernas.

Tem 220 magnificos aposentos todos rica e confortavelmente mobilados, havendo alguns com sala independente, todos illuminados a electricidade. Magestosos salões de leitura, onde se encontram todos os jornaes e illustrações nacionaes e estrangeiras, salão de conversa e sala de fumo e ascensor.

A PARTIR DO DIA 9 DE DEZEMBRO HAVERÁ NOS MAGNIFICOS SALÕES DO AVENIDA PALACE

FIVE O' CLOCK TEA

EM QUE O SEXTETTO DO HOTEL SE PARÁ OUVIR DAS 4 1/2 ÁS 6 1/2

TODOS OS DIAS CONCERTOS POR MAGNIFICO SEXTETTO

JANTARES DAS 7 1/2 ÁS 10

SERVEM-SE BANQUETES

NOUVELLES CRÉATIONS DE PARIS

Réassortiment de chapeaux

POUR LA



SAISON D'HIVER

Exposition mercredi le 5 decembre

EXPOSITION BLANCHE

MIMOSO

Rue de l'Or

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, e zintographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 5 DE DEZEMBRO DE 1904

NUMERO 57



O DUQUE DE DEVONSHIRE

O duque de Devonshire que hospeda S. M. os reis de Portugal no seu castello de Chatsworth, pertence á familia Cavendish. O fundador d'esta casa foi John Cavendish, juiz supremo de Kiegs Bench, em 1528. O actual duque é o 8.º titular de Devonshire, nasceu em Londres em 23 de julho de 1833, é filho do 7.º duque Williams, que morreu em 1891, e de lady Howard da casa Carlisle.

Foi lord presidente do conselho privado e lord mayor de Castbourne, coronel honorario, chanceller da Universidade de Cambridge e cavalleiro da Jarreteira. Casou em 1892 com lady Luiza d'Archieu, viuva do duque de Manchester. O seu castello de Chatsworth é um dos mais bellos de Inglaterra, e n'elle foram os reis de Portugal recebidos com carinho e entusiasmo por essa nobre e illustre familia representante de gloriosas tradições.

CHRONICA

Homens de letras

A proposito do *Cyrano de Bergerac* ter dado uma fortuna ao seu actor, os jornaes chamaram as attentões para a situação desesperada da arte e dos escriptores em Portugal e alguns aconselharam a união dos jovens litteratos.

Os artigos transpiravam amarguras, adivinhava-se que tinham sido escriptos n'esses altos momentos commovidos a que os artistas mais do que ninguém são sujeitos e tinham o som de brados de revolta meio suffocados, tinham a nota de vergonha de quem confessa a propria miseria.

De resto não ha senão factos, não ha senão o positivismo cru d'essa situação.

O escriptor em Portugal é ainda uma creatura sem independencia, sem um logar definido, que vive quasi sempre de tudo excepto da sua penna e que tem grandes pontos de contacto com os trabalhadores litterarios do tempo da cabelleira de rabicho e do sapato de salto de riz. Poeta foi durante muito tempo em Portugal o synonymo de esfaimado. O systema liberal, ao implantar-se, em cousa alguma modificou as condições de existencia do homem de letras, porque o liberalismo não trouxe instrucção como seria de esperar e os governos tem descurado essa parte importante da vida da nação que se afunda n'uma sombra de ignorancia. Por isso o litterato continuou a ser sempre o dependente como esses que no seculo XVIII, no largo pateo da nobre casa de Marialva, cantavam as graças das sécias e alexandrinisavam as bastas virtudes do senhor marquez.

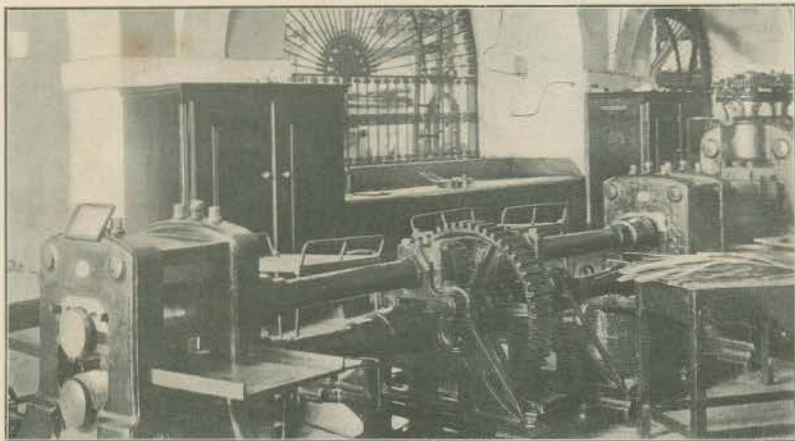
Os orgulhosos fugiram sempre a estes convívios, á lamecha redondilha toda de rapapés e humilha-



CASA DA MOEDA

idea sem a qual não ha arte possivel, ainda se vao de rojo entregar memorias, ainda se tom o sonho do emprego publico para garantir a existencia e ainda as pennas se alugam na anciedade d'um pouco de bem estar. E no meio de tudo isto ha o desgosto, a ratva concentrada d'esses individuos superiores contrariando pelo pão os seus ideaes, aquellas bellas esperanças que todo o artista traz no seu coração quando pela primeira vez se arroja á publicidade. Por todos os modos o escriptor portuguez é sempre um salariado, um dependente de varios elementos que o coagem e o obrigam á transigencia, se não absoluta, pelo menos muito marcada. Não se pode fazer o sacrificio d'uma vida, porque falta a atmosfera d'incitamento e d'applausos e quando os nossos olhos se voltam para essa Europa que acarinha os seus artistas, que lhes dá uma vida d'indendencia, chega-nos então a lembrança das desditas que todos conhecemos e chega-nos tambem um fatal dilemma: ou a idea d'esse gigantesco Camillo que com a sua obra deixou um revolver de tragedia como um ponto final ás maravilhas do seu talento, o que é a morte, ou então vem-nos a idea da vida triumphal dos mediocres, da transigencia que é necessaria neste paiz, mas que nenhum verdadeiro artista aceita desde que é obrigado para ter esses gosos a lançar os louros conquistados com trabalhos e lagrimas ao refogado do caldeirão onde se cozinha o carneiro eleitoral.

ROCHA MARTINS.



CASA DA MOEDA—OFFICINA DE LAMINADORES

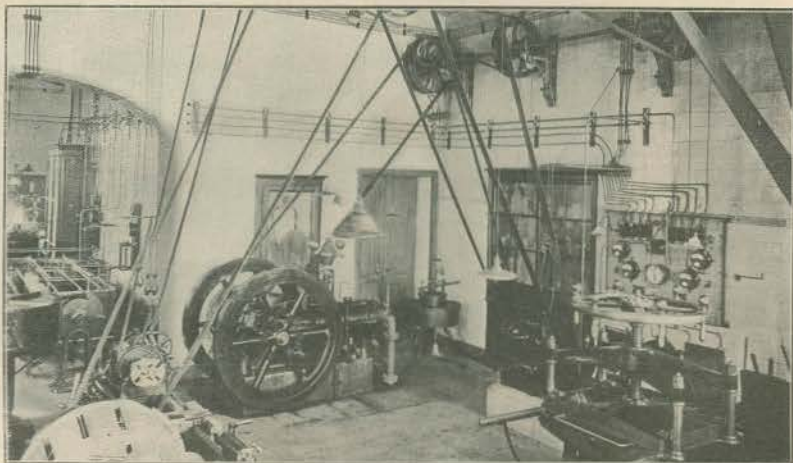
ções, e ou se perderam na orgia das noites que lhes trazia o esquecimento ou retiravam para as mandardas com a sua botija de tinta, a sua inspiração e o seu desespero a deixarem-se morrer aos poucos. E' o caso de Bocage.

Outros choramingavam de memorial em punho, rojavam-se, mostravam as obras e as faces macilentas e pediam empregos de mãos postas, lambendo as plantas dos dominadores. E' o caso de Teófilo.

Outros ainda, n'essa revolta nervosa e febril que a miseria traz, atacavam tudo e todos, faziam-se toter, molhavam em bilis as pennas e arrojavam-se ao ataque, acabando pelo aluguer das ideias como *condottieris* alugando sabres. E' o caso de José Agostinho defendendo por dinheiro o contracto dos tabacos no tempo do rei Miguel, cujo cacete o escriptor louvava.

No fundo existia sempre a mesma miseria material ou moral, via-se sempre o talento, a luz divina, posta ao serviço d'uma vaidade ou d'um negocio, d'um capricho ou d'uma infamia, d'uma falcatrua ou d'uma immoralidade. E a morte vinha encontrar uns e outros tendo calçado os seus sentimentos d'artistas e emmudecido as suas vozes, levava-os no mesmo desespero d'insatisfeitos.

Em pouco se alterou essa maneira de ser; ha mesmo grandes pontos de contacto entre os escriptores de hoje e os de ha um seculo. Ainda se escreve na dependencia ou do publico a quem se lisongeia o gosto ou d'uma Sociedade que paga, ainda falha a



CASA DA MOEDA—OFFICINA DE GALVANOPLASTIA

KUBELIK

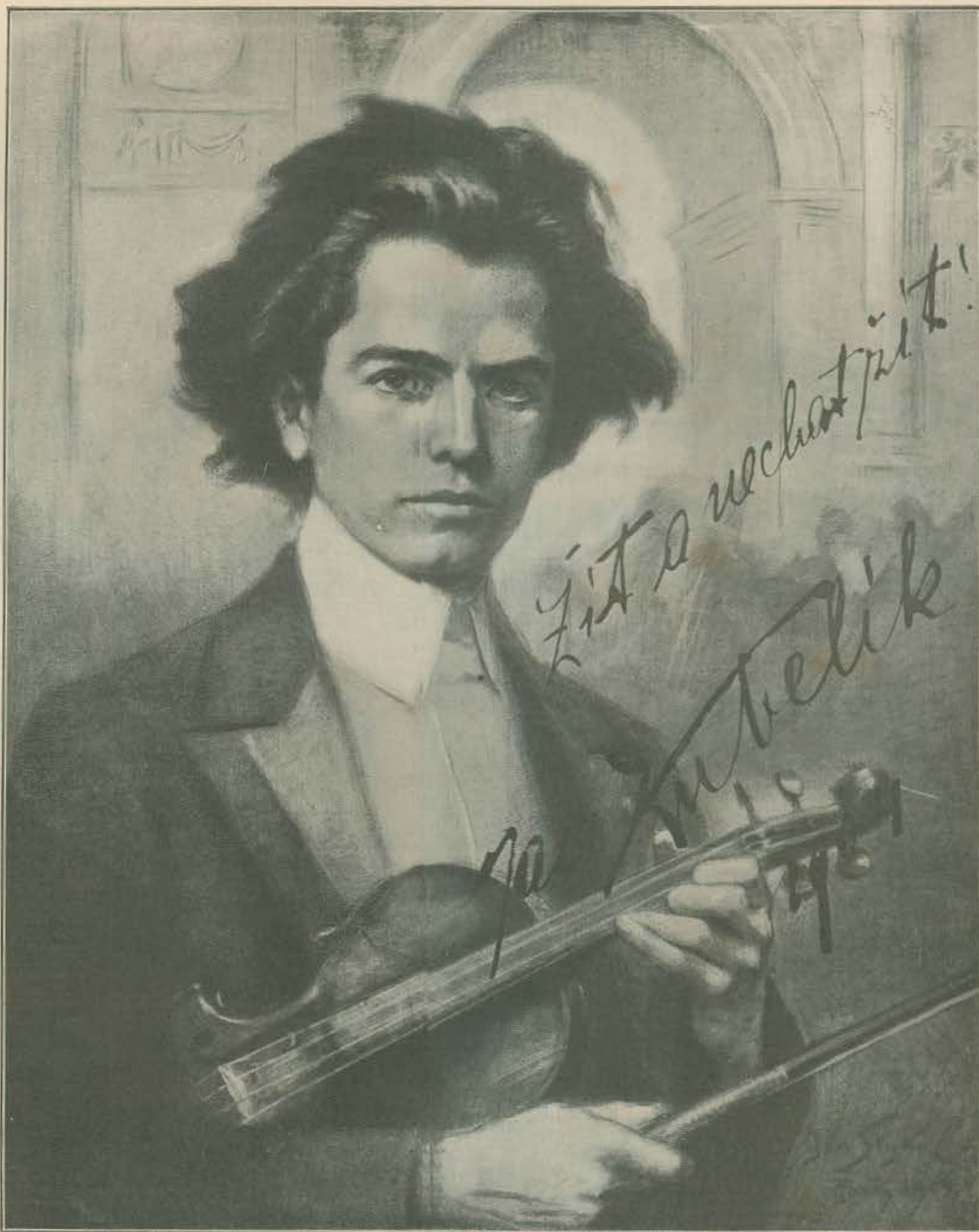
Aquelle bohemio tostado de cabellos me-rovingia e olhos onde ha um clarão de genio a perpassar, que nos apparece no paleo do D. Amelia como um homem o logo ao tocar com o arco no seu instrumento nos faz esquecer a sua estrutura de mortal, é bem o successor do Paganini em cujo violino, igual á harpa dos deuses, elle tocou durante horas, lá em baixo, n'essa Allemanha de lendas, de sonhos, de gnomos que veem pelas noites a surgir das arvores nos sacros bosques de mysterio, n'um encantamento e n'um deslisar sereno de aparições.

Sente-se diante do artista essa impressionabilidade que elle nos communica, que parece irradiar dos seus olhos e da sua figura, que vem como ás lufadas por sobre as cabeças, a perder-se na sala n'um espalhado de fluido electrico que deixa um castro e que ricocheta depois de alma em alma a atunhar-se, a enroscar-se, a preparar-nos para novas surpresas, já subjugados pelas anteriores manifestações do seu genio de excentuante.

Para os artistas não existe senão o compositor que em horas de inspiração que o tornam igual a uma divindade gera bellos trechos, tira do seu cerebro essas notas quasi celestinas, que parecem por vezes apprendidas no vento ao roçar a sua aza brutal ou o seu bafo macio em campainhas de crystal e as lança depois na partitura a evocar cousas lindas, d'um mundo de além, superior ao antes desconhecido. E' elle, sempre elle na gloria da sua criação, inspirado nas manifestações de seu genio a amontear caracteres negros dos quaes saem melodias como dos seculares e feios carvões brota o diamante na sua limpidez. E' sempre o creador evocando, gerando, lançando para a turba a commoção, a dor, o desespero e até mesmo o consolo ao fazer salhir em tres gostos, em duas arcaulas n'uma violencia ou n'um roçar doce sobre as cordas o sentimento mais bello, o amor, a ternura, a suavidade, a sensação exquiesta d'um paraíso onde a aragem passando no caunival embandeirado dá ao homem a impressão da voz de Deus satisfito com a sua obra.

Mas, apesar do tudo, faltando n'esse artista o poder gerador, a fanilha que ateia o incendio do genio e que faz a maravilha do deslumbramento, sente-se em face d'esse Kubelik, d'esse bohemio, d'uma terra legendaria de sublimes musicos, a impressão que so elle não é o Deus Creador e o todo poderoso d'essa musica inspirada que excenta, é pelo menos o arcaujo encarregado de transmitir ao mundo o que um Deus pensou e que não soube dizer com tanta belleza, com tanta arte.

No seu olhar vivo, inquieto, todo de sobresalto, na sua face que por vezes se illumina como um bello bronze a colorir-se sob o bafo ardente d'um forno, ha a expressão do nervosismo que o move, que o faz sentir essa arte que o inspira e o que arrebatava. Vê-se n'elle a certeza de que o publico foge á sua vista, de que o mundo desaparece ante a electrificação do seu violino, que o esmagá, que o perturba como uma dose forte de morfina, e nota-se tambem na sala o mesmo enervamento,



o mesmo extasi que o artista communica n'uma altissima e poderosa suggestão.

Enquanto aquella musica, que é celeste, sea no seu esplendor, na sua intensidade, as respirações coagem-se e os nervos entram a vibrar, os corações batem e as boccas emudecem e um lethargo o todo de delicia, um sonho em que se tem visões de fumadores d'opio se appoera de nós para acabar quando o artista extenuado deixa o instrumento e fixa o publico. Então vem o despietar, distendem-se os nervos, sacodem-se todos os sentidos e como uma massa anódica, n'um impeto, n'um brado unisono, o publico acclama e o ergue-se para sandar o excentuante que ali é mais que o proprio gerador. O nome de creador perde-se, só fica o que soube dar áquelle trecho semelhante encantado, aquelle que souha realizar essa maravilha que o idealizador Hoffmann nos aponta com o seu Krespel a no viver só do violino mysterioso.

Dizem que Kubelik com os seus vinte e cinco annos e com a sua maneira de a artista vive com um príncipe, rodeado do creador, de a secretarios, de familia-

ros, amado por uma mulher que o seu violino apaixonou, dizem que esse phenomeno excentuante vai assim atravessando o mundo como um sol que quizesse brilhar por toda a parte, dizem que lhe corre sereno e feliz a vida e todos lhe falam da idade e da ventura. No entanto sabe Deus quantas amarguras elle soffrerá, quantas incomprehensíveis mas fortes impressões só proprias do artistas elle não terá! E sabe Deus se não de-solitaria antes com essa idade ir ainda conquistar pouco a pouco a gloria, como um cyano que vai a esplumtar, a cruzar azas, a cingir-se na brancura do arminho e de pureza, a buscar forcas esperando sempre que venha muito tarde o seu canticto derradeiro. Kubelik com vinte e cinco annos sendo um prodigio, arrebatando, fazendo o ceu na terra, embora viva n'um ambito de maravilhas, ha de aborrecer-se, ha de achar ainda longe do que deseja o canticto do seu violino, como aquellos deuses de Helena que se encliam de melancolia diante da abundancia, do poder, da satisfação de todos os seus caprichos um face d'um mar azul eternamente sereno, sem uma ruga e sem uma tempestade.



A POLÍCIA GUARDANDO UMA DAS CASAS ALCANÇADAS PELO MAR



A DEMOLIÇÃO D'UMA CASA

OS TEMPORAES NO ESPINHO

O mar vai a conquistar a velha parte do Espinho, a aldeia dos pescadores, as ondas invadem nos dias de temporal as casas mais próximas da praia e o burgo antigo vai a desaparecer como se o oceano quizesse vir bem longe a casaria, aborrecido como um leão ao qual viessem contemplar de perto.

Entretanto no centro da villa vai crescendo o numero de edificios, vão-se formando novas casas e a praia que no inverno não tem movimento nem vida, alegrá-se no verão quando chegam os forasteiros, os bañistas que ali se albergam e vão mergulhar-se n'esse mar agora tão inclemente para com os pobres pescadores. Nenhuma d'ellas se atreve a ir lançar as suas redes, a marchar sobre os dorsos erigidos e temíveis d'essas ondas que desejam galgar sobre os batéis.

E na praia o mulherto junta-se quando algum mais atrevido, n'um dia enguador em que appareça uma restoa do sol, se atreve a ir á faina, para de surpresa ser agarrado na tempestade que traiceiramente lhe corta a retirada.

Agora paralyza-se all o trabalho da pesca, a gente do mar olha-o como um inimigo o devendo-lhe o pão, no resto do anno, quasi o odeia, caem as chuvadas e as ondas engrossam, acendem-se as lareiras e fleas-se diante d'ellas dias e noites a meditar. Mas mesmo all a esscanta do repouso onde os pobres se acolhem o mar os pretende alcançar como n'uma formidável vingança.

Elle torna-se bravo, rola as suas vagas, tem rugidos de colera, erriça-se e mostra-se feroz, galga em cachos, atropella vaga com vaga, apresenta-se cór de fogo, transmuda-se como um mortal n'uma hora de subida raiva e assim vai fatal ao seu desiguito, ao seu fim, no desejo do fazer mal.

Oh! o mar, aquelle mar do Espinho, temível e formidável, não poupa o povoado que beija nas horas de calma quando o sol tambem o acaricia.

Ainda ha poucos dias as ondas crescem, subiram pelas rampas, treparam a especie de trincheteira onde se empoleiravam os predios buscando derruil-os, le-



TRABALHOS DE ATERRAMENTO

val-os consigo, para o pelago. Os proprietarios, os bañheiros *Ferreirinhas*, correram a toda a pressa a demolil-a, buscando aproveitar para outra os seus materiaes.

A gente da fabrica de conservas do sr. Brandão Gomes & C.ª foi enviada para all a coadjuvar os trabalhas.

Vim-se então mulheres e homens carregando areia e buscando aterrar uma parte já derruida pelos vagalhões.

Diante de tanta violencia, houve o sobressalto da população, o terror enorme que obrigou a ajudarem-se uns aos outros n'uma liga contra o inimigo commum, contra esse mar que os sustenta a que se revolta como se estivesse farto de ser domado e buscou mostrar-se em todo o seu poder.

Andavam azafamados os homens e as mulheres, todos carregavam areia, os pequenos ajudavam, ouvia-se uma grita á mistura com o rugido do mar e toda aquella gente atravessava de banda a banda as peças que as ondas tinham deixado e cumpria um dever de solidariedade.

A derruida parte era da capella de Nossa Senhora d'Ajuda onde nos dias de tormenta aquella boa gente vai orar pelos que andam sobre as aguas soffrendo as inclementias o conquistando o pão para os seus.

Uma outra casa esteve para ser levada pelo mar, já as aguas n'ella tinham entrado, e, como o proprietario não a mandasse logo demolir, veio a policia guardal-a assim que abandonou a furia do temporal.

A propriedade custara 1:200\$000 e foi vendida por 50\$000 réis a um individuo que vai aproveitar os materiaes.

A villa vai recuando cada vez mais não sendo já natural que se edifiquem casas proximo do mar, essas casas que tão pittorescas e tão lindas eram quando as olhavam do meio das aguas com os seus telhados vermelhos e as suas paredes caladas, d'um branco que feria a vista e se destacava, batido pelo sol.

Os temporaes succedem-se agora no Espinho com enorme frequencia, sendo para recuar deannos successivos, em virtude do grande impulso que o mar toma ao encrespas-se, buscando engulir as casas que lhe ficam perto.

(Photos. do sr. Guilherme Perry)



VIAGEM REAL.—OS REIS DE PORTUGAL E SOB A NEVADA EM CHATSWORTH

Os jornaes ingleses fizeram graciosas referencias á estada de SS. MM. no palacio dos duques de Devonshire. Durante o tempo que os reis de Portugal ali se encontraram nevou quasi constantemente; no entanto realizaram-se ainda caçadas nos laboes e uma magnificade a rainha deu grandes passeios de trem pelos arredores do castello, acompanhada pela sua dama de honor, marquesa de Soveral, condessa d'Antrim, etc.

No dia em que se realizou o *lunch* no parque, o rei de Portugal, vendo approximar-se o marquez de Soveral, baixou-se a agarrar grandes bolas de neve que arremçou ao ilustre diplomata, que se defendeu. Logo começou um grande tiroteio com a neve e as damas tomaram parte importantissima n'esses jogos, que os jornaes classificaram de genuinamente Ingles.

A CASA DA MOEDA



CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DE CÚNIA

de como uma d'essas libras esterlinas todas do poder pelas quaes se fazem crimes, infâmias, pelas quaes se atravessa o mundo de cabo a cabo na ansiedade de realizar a suprema aspiração dos mortaes: a riqueza.

Era a historia d'essas moedas que nos preoccupava ao entrarmos ali, era a idea de as vermos a formarem-se para depois serem lançadas na circulação onde as encontramos umas já gastas depois de terem corrido todas as mãos, de estarem afecollhadas no cofre d'um avaro ou de terem pago noites de amor, depois de correrem em transacções pelo mundo a serem outros tantos monarchas de que levam a effigie, vindo ao cabo de muito tempo parar de novo n'aquella casa, a entrarem no cadafalso para voltarem á sua faina por vezes já cunhadas com o retrato d'um novo rei. Aquellas moedas preciosas que tinham a effigie de D. João VI e que eram por assim dizer como a marca do absolutismo, correram ainda no reinado de D. Pedro IV como em França correm ainda os Napoleões sem que se deixe de os aceitar, apesar da forma de governo. D'uma lindissima moeda de vinte francos, luzente, com a chancela imperial nem o mais intempestivo repubblicano se atreverá a dizer mal.

E' que o dinheiro com todo o seu poder, com os gosos e com as consciencias que pode comprar é sempre querido, venha elle d'onde vier, porque mesmo

Quando se imagina a casa da Moeda, vem logo a idea de montões d'ouro rolando, de derroladas de peças, de cataratas de prata liquefeita, do dinheiro a formarse em segredo para se exercer a sua potencia no mundo.

Uma simples moeda de cinco reis, redondinha, em cobre novo e luzido tem a sua historia tão gran-

Quantas bellas moedas d'ouro são dadas a mãos virgines n'um presente depois de terem estado nas mãos d'um ladrão que as roubou á mão armada, quantas bellas moedas vindas d'uma venda ignobil não passam pela mão do homem cheio de escrúpulos! O metal na sua frialdade não dá senão uma impressão agradável, e põe-se mesmo para Nossa Senhora!

Era pois no desejo de ver formar essas moedas que fomos n'uma bella tarde fria, mas cheia de luz, visitar o nosso querido amigo Casimiro José de Lima á casa da Moeda a pedirmos-lhe para visitar todas as dependencias.

A Moeda, a primeira casa de entalagem de que se tem noticia, existiu no reinado de D. João I nos paços de Limoeiro e foi tambem na calçada da Pedreira ali para a Fundição de Cautões.

No tempo de D. Maimel esteve perto do paço da Ribeira, passando para a rua da Calceolaria tempo depois. Era isto nos tempos em que o crime de moeda falsa era punido com



OFFICINA DE TORNEIROS

Nunca se pode saber ao

a decepção das mãos dos falsificadores e só D. João V acabando com o castigo tão vio lento transferia



MACHINA DO CORTE DA MOEDA

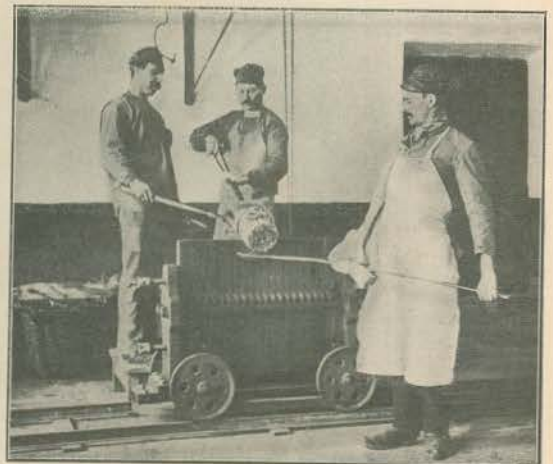
a Moeda para o lugar onde ainda hoje existe, ali a S. Paulo.

Este rei sempre mettido em aventuras, galanteador e brilhante, mandava por vezes enubar, com os quintos para que lhe vinha o ouro do Brasil, moedas de duas caras que só utilisava nos pagamentos dos favores amorosos que certas mulheres lhe dispensavam. Contase mesmo que buscando um dia desprestigiar uma dama lhe deu uma moeda de duas caras diante de toda a corte dizendo com a sua habitual galanteria: Guardae senhora estos meus retratos como recordação!

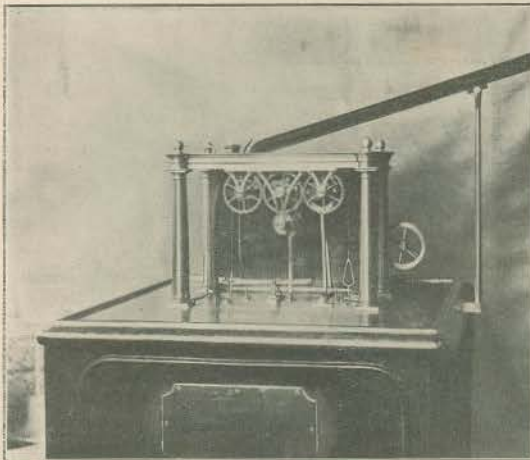
Casimiro José de Lima conduziu-nos, pois, ás officinas de selagem onde nos apresentou o chefe, sr. Fernando Schiappa e o fiel do papel sellado sr. Jorge Leoto e logo amavelmente estes cavalheiros nos acompanharam através as salas onde vimos as machinas de impressão dos sellos e de diversos papeis feitos com a maior perfeição. O passal da Casa da Moeda entra tutta o trabalho, ás 8 horas da manhã e sahe ás 4 e meia da tarde, mostrando-se folgado e bem disposto. Os ordenos os vestiam entre cinco e sete testões para os margiladores e de novo a doze para os impressores. Diante das machinas em laboração os operarios seguem attentos os trabalhos e é interessante ver os apparatus onde os sellos vão recebendo as diversas tonalidades pelo processo que se usa para todos os trabalhos congeneros.



OFFICINA DE GOMMAGEM



MANIPULAÇÃO DE GRANALHA



BALANÇA DE PEZAR OURO



VAZANDO O METAL NA GRELHEIRA

A chapa dos sellos e dos papeis de credito é entregue pelo sr. Arthur Freire, chefe da galvanoplastia ao chefe da officina de sellos e os trabalhos comecam logo, entregando-se depois de concluidos no fiol do papel selado que os manda para a gommagem e piteagem, tarefas feitas quasi todas por mulheres, que ganham entre 350 a 500 réis. A gommagem é feita n'uma machina onde se colloca a gomma em rolos, passando depois d'ali em grades para a estufa. A piteagem é feita em machinas especiais que picam cinco papeis de sellos de cada vez, sendo bastante curiosa aquella em que se fazem estes trabalhos nos postaes de resposta paga do ultramar. Lá ao fundo fica a contagem e a escolha, onde se empregam mulheres e homens, sendo tudo feito com o maximo escrupulo e sendo agradavel atravessar aquellas officinas arejadas e limpas onde não se ouve nem uma simples palavra e que o sol banha ao entrar pelas largas vidraças que abrem para as bandas da Ribeira Nova.

O edificio da Moeda é já pequeno para os numerosos trabalhos que ali se vão fazendo, para o desenvolvimento que vai tomando, sob a acertada direcção do sr. conselheiro Augusto José da Cunha.

Passamos então propriamente ás officinas de moeda que estão a cargo de Casimiro Lima.

O metal desde o moquinho cobre que é designado por metal vil até ao ouro e prata que chamam moetas nobres, são fundidos nos fornos da officina de fundição que o sr. João Teixeira dirige.

A moeda de prata tem por cada kilo uma liga de 916,938 grammas de prata fina e o resto é em cobre e nickel tem 75% de cobre. E' ali que se vêem então as massas de metal que são lançadas n'umas formas a que chamam rilheiras onde se formam as barras com as dimensões da moeda que se quer cunhar.

Por vezes faltando o peso augmenta-se com a grealha que é o metal depois d'ele vazado em liquefacção na agua.

Mostram-nos barras de prata que vem de Inglaterra e que são em forma de pindings, tiram-se da casa forte algumas barras d'ouro que o vemos na sua côr fosca ao perguntarmos:

— Mas não fazem moedas d'ouro?

— Desde 1891 que não se cunham, respondem-nos acrescentando logo que esperam ordens para uma nova cunhagem.

Quando o metal sae da fundição vai para o banho e a passa para a cunhagem, que é feita pelo processo usado em todas as nações. Os cunhidos são gravados mesmo na Casa da Moeda, sendo all tormentados, tudo com o maior cuidado, garantindo-se-lhe assim a legalidade.

São diversas choças de interesse os processos de banho e bem assim os da cunhagem, que é muito cautelosa, sobretudo a do ouro. Há uma balança que serve para avaliar se este metal está na lei e desde que assim não succeda volta á fundição para novo trabalho.

Contigua á cunhagem ha a officina onde nas foiras se reduz o metal ás dimensões que se deseja para as diversas moedas e n'aquella officina fazem-se tambem as serrilhas e os rebordos, que servem para não se desgatarem as effigies d'idas moedas como é vulgar ver em algumas que não entram trabalhadas por este processo.

A ultima officina onde entramos é a de galvanoplastia na qual pelas mais modernas applicações se fazem os moldes não só dos sellos mas ainda dos papeis diversos que são emitidos. Havendo o cunho passamos á côra que soffre um banho de metal afin do lhe dar maior consistencia e d'este modo e depois d'entrar em

grandes machinas, onde soffre correntes electricas, é entregue ao chefe da officina de sellos, que manda fazer a impressão.

Não ha duvida alguma que a Casa da Moeda, assim montada, representa no nosso pequenomeio uma das mais bellas divisões de administração publica e corresponde perfeitamente á acertada direcção que tem tido. Mousinho d'Albuquerque, aquelle liberal onusado e intransigente den-lhe o incremento que o actual director tem sabido continuar d'uma brilhante maneira.

Maravilhosamente installada n'um edificio que apesar de já ser um tanto exiguo, é bem um modelo digno de seguir-se já pela maneira como se encontra o pessoal, já pela belleza dos trabalhos que d'all sahem e que não são inferiores aos estrangeiros, tanto pelo lado da gravura que é surpreendente como pelo do impressão que é maravilhoso como se pôde ver nos ultimos papeis de credito e nos sellos de especialidades pharmaceuticas que d'all sahiram.

Desjariamos sobretudo ter visto a fundição de ouro, a sua cunhagem, todo o trabalho que se faz n'uma moeda de cinco mil réis, porém isso foi impossivel, visto só dentro em algum tempo se comecarem os trabalhos da gravura da nova moeda de ouro com a effigie do senhor D. Carlos.

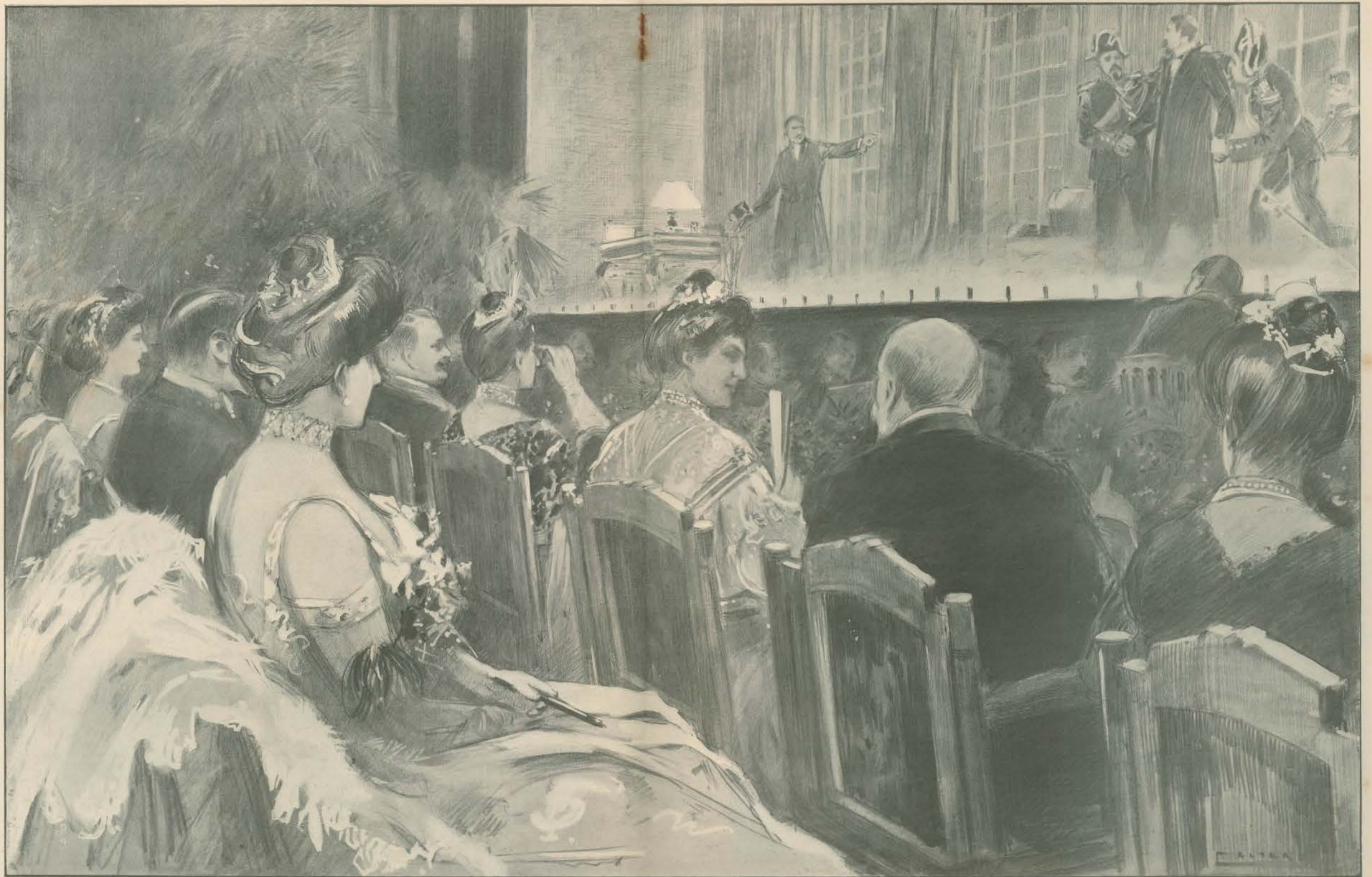
E' aquelle ouro pelo qual tinhamos ido á Casa da Moeda, na anciedade de fazermos a historia d'uma d'essas peças redondas e poderosas só o vimos sem brilho nas barras sem grandeza e glorioso no sol que enchia aquelle bello pateo onde chega o ruído vago das officinas, um ruído doce de quem trabalha com segredos, fabricando cautelosamente moedas, sonhoras todas poderosas, mais dominadoras do mundo que os proprios reis cujos perfis tem gravados.



LAVAGEM DAS BARRAS DE PRATA



CORTE DAS BARRAS DE PRATA



VIAGEM REAL — A REPRESENTAÇÃO DE GALA

Na sala Waterloo do castello de Windsor representou-se a peça *Roger la Honte* traduzida para inglez com o titulo de *A noite d'indou*, a qual foi executada pela companhia do grande actor inglez Robert Tree. Os convidados foram em numero de 107, encontrando-se ali apenas os principes de sangue e as altas personagens da corte e grandes dignitarios. A sala Waterloo, uma das

mais bellas do castello, mede 30 metros de comprimento por 14 de largo e data do tempo do rei Sabel. Das paredes pendem magnificos retratos das personagens que tomaram parte nos grandes acontecimentos de 1815 a 1815. Entre all todos os retratos de Napoleão, o seu vencedor de Waterloo, lord Wellington, Blücher, o general prussiano que esteve ajudando Wellington na batalha de Cas-

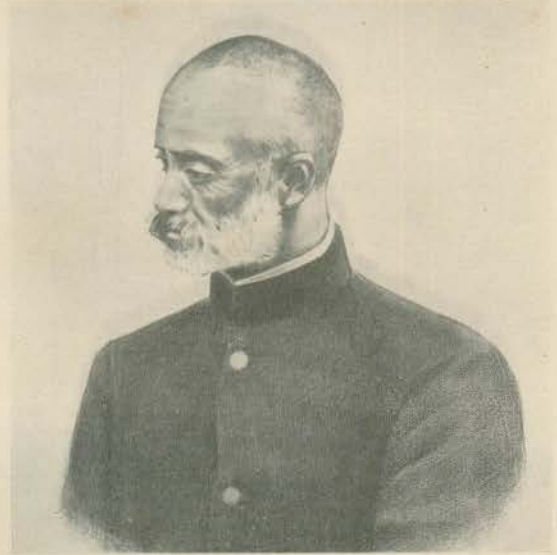
teragh, o ministro inglez que preparou todas as colligações contra o imperador dos francezes' Pio VII, aquelle papa arrancado do seu throno para vir a Paris a-agrar o casado corso, Alexandre I da Russia, que trahido numa fã jarada se lançou tambem contra Napoleão, Canning, o homem de estado inglez que ajudou a realizar a obra das potencias contra a França.

E' a' muito notavel um retrato de Humboldt, o celebre homem de estado prussiano que preparou o tratado das nações para a união contra a França. A sala Waterloo é um muséo das paginas gloriosas de Grã-Bretanha e ali está a stuetur a grandesa da sua iniciativa, que derrubou o mais pho zomental al guerreiro que até hoje tem apparecido a dar leis ao mundo com a sua espada.



O ACTOR LAWIA WALLER

Que fez o papel principal a'uma das peças que se representaram em 'Wia tour' diante dos reis de Portugal.



O GENERAL JAPONÊZ NOGUI

Alguê advezeris do bravo Stossel em Porto-Arthur.



O PALACÇO DE D. ANTÃO VAZ D'ALMADA, A S. DOMINGOS, ONDE SE COMBINOU A CONSPIRAÇÃO DE 1640

Foi hoje instalado n'essa historico palacio o quartel general da 1.ª divisão militar. Foi ali que D. Antão Vaz d'Almada em confôrto com quarenta fidalgos, entre os quaes se encontrava D. João de Mello, levou a cabo a revolta contra os hespanhoes que desde 60 annos governavam Portugal de que se tinham apossado depois da morte do cardinal D. Henrique successor do rei Sebastião que perecera no campo de Alcacer Ribir. Sobre este rei e um virado do messianismo que chega sempre a todos os povos na decadencia, formou-se a lenda de que voltaria. O sentimento de actualidade adormecia com o largo dominio hespanhol mas quando menos se esperava a revo-

lução rebentou. Os quarenta fidalgos tinham-se reunido primeiro em Xabregas em casa de Jorge de Mello, da familia dos marqueses de Ferriz, mas passado pouco tempo vieram para o palacio de Antão d'Almada reunindo-se n'um subterraneo. No 1.º de dezembro intimaram a duquesa de Mantua a entregar o castello de S. Jorge, expulsaram os hespanhoes e foi aclamado D. João IV. Antão d'Almada, descendente do celebre conde d'Avranches morreu pobre em 1644 depois de ter sido embaixador de Portugal em Inglaterra.



VIAGEM REAL: NA A GARE DE WINDSOR
 SS. MM. OS REIS DE PORTUGAL DESPEDINDO-SE DOS SOBERANOS INGLEZES NO DIA DA SUA PARTIDA PARA CHASTWORTH

SS. MM. aceitaram o convite dos duques de Devonshire e partiram para o castello de Chastworth em 21 de novembro. Os reis d'Inglaterra acompanharam os soberanos portuguezes á gare e ali se trearam as mais affectuosas despedidas. Na estação já estavam os príncipes de Galles e foi o rei Eduardo que acompanhou a rainha D. Amélia á carruagem enquanto o rei de Portugal beijava a mão á rainha Alexandra. No momento em que o comboio se pôz em marcha, a rainha d'Inglaterra acceou n'um adeus á rainha de Portugal dizendo: *God say*.

O comboio real chegou a Chastworth ás 5 da tarde e logo os duques de Devonshire com a duquesa de Manchester, lady Stanley, lord Vanclempe, lord Montagu, condes de Grey, de Mars e de Hertford se acercaram a saudar SS. MM. Novara, a palanquem era um bello leopold branco e o regimento de voluntarios, firme, sobre o gelo, apresentava armas aos soberanos que sorriram, devotras satisfeitos com a recepção dos seus hospedeiros.



O MERCADO

DR. SILVERIO NERY
Actual governador do Amazonas

A REPRESA



JARDIM DO PALACIO DO GVERNO



HOSPITAL DA SOCIEDADE PORTUGUEZA



A ESCOLA PUBLICA



PALACIO DE JUSTICA

BRAZIL — PROVINCIA DO AMAZONAS

O Amazonas é uma das mais ricas regiões do Brazil e em tempos de aventura foi considerada um verdadeiro El Dorado. Durante a dominação portugueza o Amazonas pertenceu sempre ao governo do Pará. Após a independência, mas só em 1850, a provincia começou a ter o seu governo proprio. Quando se proclamou a Republica, começou então verdadeiramente o desenvolvimento commercial e industrial da região, sendo levantados 300 contos das Alfandegas do Pará para dar com-

ço ao fomento. A lei fundamental que rege o Estado é a Constituição de 17 de agosto de 1895. Tem hoje magníficos edificios, destacando-se entre elles o bellissimo palacio da Justiça, o theatro, a Sociedade de Beneficencia Portugueza, a Alfandega e o palacio do governo.
O actual governador é o sr. dr. Silverio Nery, que ainda ha bem pouco tempo foi nosso hospede e que partiu para o Brazil deixando em Portugal gratas lembranças e saudades.



A A PAZ



ALLEGORIAS



O TRIBUFTIO

OS «PANNEAUX» QUE NÃO DECORAR OS TECTOS DA A SALA DA RESTAURAÇÃO NO MUSEU D'ARTILHARIA

Representam o *Triumpho e Paz* e são trabalhos do illustre artista João Vaz, director da Escola Industrial de Xabregas. As figuras são lindamente esculptadas e n'uma mesm'a tinta vêem-se ao fundo linhas de montes, que representam os logares onde se feriram as batalhas contra os castelhanos. Nessa sala ficam tambem retratos dos principaes conspiradores, devidos ao pincel dos arts. Trigoço, Santos Ronga, Carneiro Junior, José de Brito e outros artistas.

A sala terá tambem azulejos de Manuel Gustavo, que realison um bello trabalho e solistado

na scena que representa Filippa de Villena armando os filhos cavalleiros. As outras scenas são: A noticia da conspiração dada a D. João IV, o juramento dos conspiradores e a morte de Miguel de Vasconcellos.

É mais uma affirmação da arte nacional que o sr. general Castel Branco, director do museu, conseguiu levar a cabo com o concurso d'estes artistas e que sobremaneira levou o Museu d'Artilharia, que pouco a pouco se vai tornando n'uma verdadeira galeria artistica.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

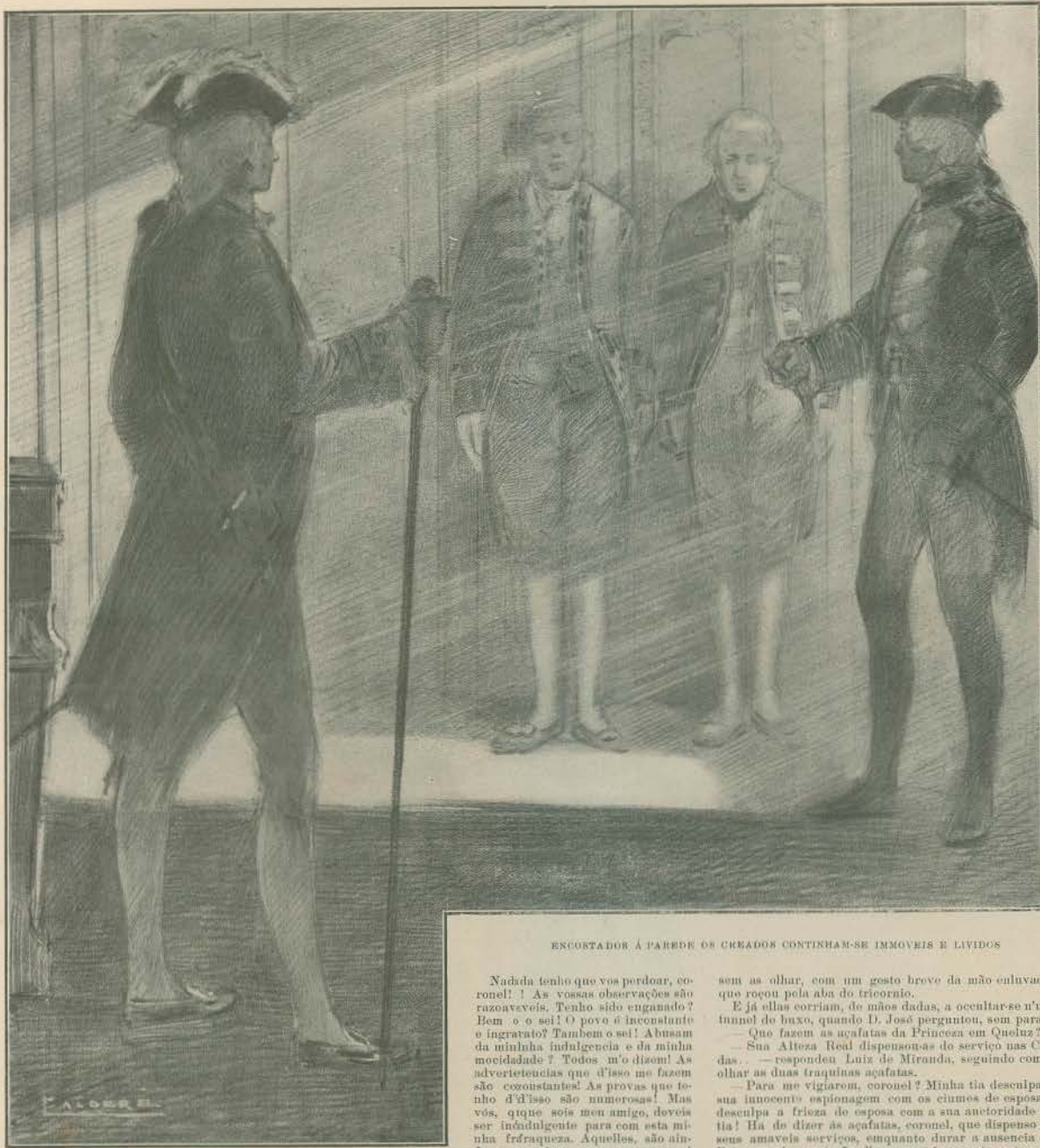
— Quem mais estava no Calhariz?
 — O senhor duque de Lafões...
 — Ah! Também estava o duque?
 — E o conde de Oeiras...
 D. José parou.
 — Na véspera do anniversario da morte do marquez!
 E' preciso ter a memoria fraca e o coração frio! Quem mais?
 — O conde de Lumiares...
 — Um bailarino!
 — E a condessa...
 — Uma preciosa ridicula!
 — O duque de Cadaval...
 — Um libertino!
 — O marquez de Marialva...
 — E a filha D. Henriqueta?
 — Também, meu senhor...
 — Por isso lá se achava o duque de Lafões! E' uma corte de amadorados, a corte portugueza! O inverno cuida-se logo primavera, debaixo d'este céu! E quem mais, coronel?
 — As condessas do Caparica e Assumar...
 — Com os leques de gaze e os moleques de libre! Essas damas ainda usam escravos! Quem mais, coronel?
 — A condessa de Stephanis, meu senhor...
 D. José tomou a dianteira sobre Luiz de Miranda, n'um arruado de alecrim.
 — Como estava a condessa, coronel?
 — Qual d'ellas, meu senhor?
 — A italiana...
 — Com plumas e bufantes.
 — De rosto?
 — Linda!
 — De idade?
 — Uma creança!
 — De aspecto?
 — Uma innocente!
 — Parecis enamorado! — disse D. José, andando sempre. — Não estava mais ninguém?
 — Lord Beckford, meu senhor!
 — Como vos pareceu lord Beckford?
 — Um perfeito fidaigo...
 — O velho Marialva está encantado com elle. O arcebispo tem em elevado conceito esse protestante. O duque detesta-o.
 — O consul de Inglaterra enche a cidade com a noticia dos seus talentos e afirma que é o homem mais rico de Inglaterra!
 — Podia pagar as dividas ao principe de Galles!
 — Viaja com numeroso sequito, como um soberano!
 — E o que vem fazer, com o seu sequito, ao mais pobre paiz da Europa, o homem mais rico da Inglaterra?
 — Esquecer desgostos de amor, segundo ouço dizer...
 — Então escolheu bem! O amor é a unica liberdade que ainda resta em Portugal. A policia respeita ainda as alcovas. No amor é na poesia somos prosperos! Para esquecer desgostos de amor, coronel? Quando todos somos infieis aos vivos, seria milagre que um homem pretendesse ficar fiel aos mortos! O conde de Villa Verde, que foi apresentado ao lord, declarou-me que tinha o aspecto orgulhoso. O orgulho e a fatuidade nasceram na Inglaterra! Não me agrada esse inglez! Recordo-me o espiritoso lord Tirawley, que a nobreza de Portugal recebeu como um amigo, no tempo de El-Rei D. João V, e foi dizer para Londres, com desenhosa alface, que apenas se differenciavam os portuguezes dos hespanhols pela ausencia das suas qualidades! A Inglaterra considerou-nos sempre como um paiz de Marrocos! A sua alliança tem-nos custado mais do que a guerra da Independencia! Somos fracos em demasia para lhe merecermos respeito! Estimava conhecer o lord, coronel!
 — Hontem mesmo me supplicou que obtivesse da bondade de Vossa Alteza consentimento para visitar os jardins de Queluz.
 — Que lhe respondeu, coronel?
 — Tomei a incumbencia de consultar Vossa Alteza...
 — O lord desejava aproveitar a seje do consul, que hoje o leva a Palhava, para chegar a Queluz, ver as estatuas e os jogos de agua...
 — Mande-o entrar, logo que chegue, coronel. Hoje é dia de recepção em Queluz! Se não fosse, para mim, um triste anniversario, mandaria tocar a musica nos jardins e os meus convidados podiam dançar o *Waltz* e o *minuetto*! O Principe do Brasil reina hoje em Queluz, coronel! Quero phantasiar uma corte sem frades, sem espíritos, sem ministros decrepitos, sem pragmaticas absurdas, sem confesores, sem intrigas! Se eu morrer, antes de ser rei, pod-ria testamunhar o que seria a corte de El-rei D. José II. Nomeio o meu secretario dos negocios da guerra! Será meu marechal e mordomo-mor o duque de Lafões! Vêdo como é farto o perfume das rosas, como os passaros cantam, como ressonam as larangueiras, como se beijam as borboletas! E' toda a primavera a abençoar o meu reinado! A' semelhança do Imperador da Alemanha, resolvo abolir na minha corte a cerimonia do beija-mão ao Soberano! As genuflexões ou reverencias com o joelho dobrado ficarão supprimidas! A primeira condição para erguer o paiz é levantar os homens! Ser rei de escravos e pedintes é uma gloria equivoeca e pequena! Eu sou ambicioso, coronel,



O PRINCIPE D. JOSÉ

o quero no meu throno, a meu lado, comigo, a liberdade, como uma amante, como uma esposa, como uma rainha!
 Apoiado ao bastião de cinto de ouro, correspondendo a continencia dos soldados, que apresentavam armas, D. José subira a escalearia do pavilhão do sul, de onde se avistava o terreno espaçoso do palacio, com a igreja, os quartéis da tropa, o almoxarifado, as tercenas e estrebarias reas.
 Na manhã esplendida de maio, os sinos da torre repicavam.
 O Principe esteve ainda por um momento contemplando os arvorados do parque, o canal com os seus azulejos rebuliantes, as Venu e as Dianas, que emergiam das verduras e seus torsos de marmore.
 — Um povo livre, um reino de homens livres! — murmurou ainda o Principe, como se falasse a uma visão radiante, que illuminava o seu espirito.
 E D. José voltou-se para o terreno, caminhou até á balaustrada de marmore.
 Mas então, mal a essa casaca de velludo escarlate apontou no terraço, um clamor subiu, jubiloso e rouco, do terreno.
 O Principe do Brasil! Sua Alteza Real!
 D. José recuou, subitamente pallido.
 — Eis a minha corte de mendigos lamurientos e poetas fanulistas!
 Luiz de Miranda adiantou-se.
 — Manda-se enxotar essa canalha!
 D. José teve um gesto triste de recusa.
 — E' a minha corte, coronel! Com mais velludos e menos chagas, com mais arrogancia e mais perfidia, menos fidelidade e mais ingratitude, é quasi a mesma a corte de minha mãe!
 Abusam da bondade de Vossa Alteza! Desde ma-

nhã até á noite, as portas do palacio são assaltadas por pretendentes, com memorias e petições!
 D. José inclinou a cabeça.
 — Se de toda a parte os escorraçam!
 — Para sahir do palacio, é sempre necessario abrir caminho por entre uma multidão de mendigos!
 — Porque lhos quereis mal, coronel? Na sofreguidão da esmola, podem amarrotar-vos a farda. Mas damno maior soffrireis ao abrir casinhas por uma multidão de corteãos! Aproximae-vos. Tende caridade. Para que tanta colera e tanta injusticia?
 O Principe adiantara-se de novo até á balaustrada e em frente aos mendigos ajoelhados e aos poetas famintos, thron gravemente, melancolicamente, o seu tricornio preto.
 Um côro clamoroso novamente saudou a sua appareição.
 — Misericordia, meu Senhor!
 — Deus prolongue os dias a Vossa Alteza!
 — Os anjos façam felizes o nosso Principe!
 Um homem livido, com um fraque remendado e a cabelleira em desordem, agitava um papel. Braços descarnados erguiam-se em attitudes supplicantes. Uma mulher em farrapos estendia para o terraço uma creança enfezada e seminus.
 O Principe voltou-se para Luiz de Miranda.
 — Vêdo a realidade a riser dos meus sonhos! Vêdo ao que reduziriam um povo que fez as descobertas e conquistou a India!
 — São vadios e mendigos de estrada, meu senhor!
 — São portuguezes, coronel!
 Luiz de Miranda calou-se, e desviando o olhar do terreno, os seus olhos encontraram no longo uma seje vermelha, que avançava pela estrada de Lisboa.
 Dobruçado no varandim de marmore, o Principe es-



ENCORTADOR À PAREDE OS CREADOS CONTINHAM-SE IMMOVEIS E LÍVIDOS

Nada de tenho que vos perdoar, coronel! As vossas observações são razoáveis. Tenho sido enganado? Bem o o sei! O povo é inconstante e ingrato? Também o sei! Abusam da minha indulgência e da minha mocidade? Todos m'o dizem! As advertências que d'isso me fazem são coxostantes! As provas que tenho d'isso são numerosas! Mas vós, que sois meu amigo, deveis ser indulgente para com esta minha fraqueza. Aquelles, são ainda os únicos que me procuram! Sinto-me culpado, por todos os reis meus avós, d'aquella decadência, d'aquella humildade, d'aquella miséria! Vinde comigo, coronel!

Luiz de Miranda curvou-se sobre a mão que o Príncipe apoiava ao bastião de oitavo e beijou-a.

— Esquecei que aboli o bebedeirão?
— Farei de conta que vos bejei no coração, Alteza!
— Vinde, coronel, antes q'que chegue esse Creus inglês!

Ambos, antes de descer, olharam a pequena seje vermelha, conduzida a trote por uma parrelha de mulas pretas.

— Não é a seje do consual — disse Luiz (de Miranda).

— E' talvez a seje do duque — disse D. José, descendo o primeiro degrão do beivvedor.

De novo, as sentinellas apresentaram armas. Duas acafatas da casa da Princesa do Brasil dobraram-se em profundas mesuras, á vista do Príncipe, que passou

sem as olhar, com um gesto breve da mão enluvada, que roçou pela aba do tricórnio.

E já ellas corriam, de mãos dadas, a occultar-se n'um tunnel de buxo, quando D. José perguntou, sem parar:

— Que fazem as acafatas da Princesa em Queluz?

— Sua Alteza Real dispensou-as de serviço nas Caldas... — respondeu Luiz de Miranda, seguindo com o olhar as duas traquinas acafatas.

— Para me vigiarom, coronel? Minha tia desconfia a sua innocente espionagem com os ciúmes de esposa e desculpa a frieza do esposa com a sua auctoridade de tia! Ha de dizer ás acafatas, coronel, que dispenso os seus amáveis serviços, enquanto durar a ausencia da Princesa. A reputação d'esses graciosos cataventos poderia soffrir com a permanencia em Queluz. Não quero esses tuffes de sales pelos jardins! Agora, com a primavera, os risos das mulheres são superfluos! Ha um nicho em cada caramanchel! Até nas noutes de luar os passaros cantam! Fica entendido, coronel: as acafatas para as Caldas, para suas casas ou para um convento!

E D. José atravessou a sala de musica, onde scintilavam, em cima dos tremos d'ouros, os esmaltes vermelhos e azues das talhas do Japão, multiplicados nos espelhos; abriu a porta, encimada de trophéos e medallhões, e estacou a meio do corredor de azulões e medallhões e roxos, em frente a dois creados, surpreendidos a espiar ás portas de vidro da galeria.

(Continúa.)

tendem a mão, para applacar a vozzeria dos pedintes.

— Recolhei todos á portaria!

— E por onde quer Vossa Alteza que entre lord Rockford? — perguntou Luiz de Miranda, indicando a seje vermelha, que se avizinhava.

D. José voltou-se

O seu labio austriaco franzira-se. O filho dos reis surgira de repente na altivez do seu olhar, no aprumo da sua attitude.

— Pela portaria, coronel!

— Com essa turba róta e nanceabunda, que pode esmola?

— E então, coronel? O lord terá occasião de vêr que, em Portugal, os pobres pedem dinheiro aos Príncipes. Que tem isso de extraordinario? De extranhar é que, na Inglaterra, o Príncipe do Galles peça dinheiro ao povo!

— Perdoe-me Vossa Alteza...



O PORTA MARIANNO GRAZIAS
Autor do Livro *Sandões de Portugal*



A VISITA REAL:—O SECRETÁRIO DA LEGAÇÃO PORTUGUEZA EM LONDRES,
SR. CAMARÁ MANUEL, BEIJANDO A MÃO A SUA MAJESTADE A RAINHA DEBONTE DA EGREJA CATHOLICA
ONDE OS REIS DE PORTUGAL TINHAM ASSISTIDO À MISSA

CHRONICA ELEGANTE

A aparição das notabilidades estrangeiras é, no nosso meio elegante o munitivo, a aurora da época de festas, o prenúncio da estação theatral que se afirma com a abertura de S. Carlos, tão ardentemente esperada pela gente que se diverte.

Actualmente, porém, não são somente os theatros, bailes e *soirées* que atrahem, e as *matinées* vão tendo um mero adepto e fazendo grande concorrência nos divertimentos nocturnos. Os *free-tock* elegantes estão sendo convertidos, muitas vezes, em *matinées* dançantes,

e n. *veritables* com musica de camera, representações de *opérettes*, recitações de monologos, poesia, canto, balletos característicos para meninas, etc., etc. A vida é tão cheia de afazeres e distrações que a ausencia do sono não pode trazer sérios inconvenientes e ha uma certa tendencia de reacção contra as *nocturnas*.

Além d'isso as *matinées* não mandam *toilette* especial, nem ponteadão extraordinario, nem o doce obrigatorio das festas nocturnas.

Na volta de uma cerimonia qualquer, ou d'um passeio, entre duas visitas, faz-se facilmente rodar a carruagem ou o *auto* para o local da festa, sem mais complicação alguma. Escusado será dizer que, apesar de todas estas comodidades, a *toilette* destinada a festas d'este genero é sempre mais aprimorada e *habillée* do que o *simplex toilette* ou o traje de passeio apé. Até

mesmo para senhoras novas e meninas que dançam e admittido o fato leve d'*étamine, voile* ou *feutard*, mas o que mais se torna apreciado, além dos velludos, sedas pesadas e tecidos da phantasia, é o vestido de panno nas *nuances pastel* muito malisavel, fino e assotinado, que se guarnece da maneira mais rica e elegante com rendas grossas de *guipure incrustée* no tecido, galbes bordados de *sedes nuances*, com fios de ouro, prata e perolas, franjas de seda e froco, *marabouts, raches, plissés, alambros, cordões, borlas, pingentes, bolões* artisticos de *strass*, como o sobretudo, *ciel argent*.

Os apasinhos que se deixam no vestibulo são o complemento condigno d'estas elegantissimas *toilettes* e oferecem ensejo de patteutar riquissimas *fournures*, velludos sumptuosos forrados de pelles ou *setim ovalé*, etc.

O *carrick* tem todos os suffragios e vê-se muitissimo, mas para carruagem aprecia-se muito o grande *manteau*, mais confortavel e *enveloppant*. O calçado é sempre fino, preferindo-se o sapato para quem dança, não tendo, po-

rém, nada de *commum* com o calçado de baile, mais fino ainda e leve.

Os grandes chapéus genero *directoire*, as *capelines* com grandes *oigrettes* ou plumas claras completam da forma mais graciosa estas tão opulentas *toilettes*.

FIG. 1—*Toilette* de panno *champagne incrustée* de *guipure rousse* com *desous* em *setim rubi*. Grande *fente* *crème* com *chrysantemos* de velludo *ombre* e plumas.

FIG. 2—*Bolero* de velludo *fournure* com galbes de seda preta bordados. Chapéu com grande passaro de cor clara.

FIG. 3—Grande *manteau* em *carakul* ou *écureuil* de Alaska, forrado d'*écureuil gris* claro.



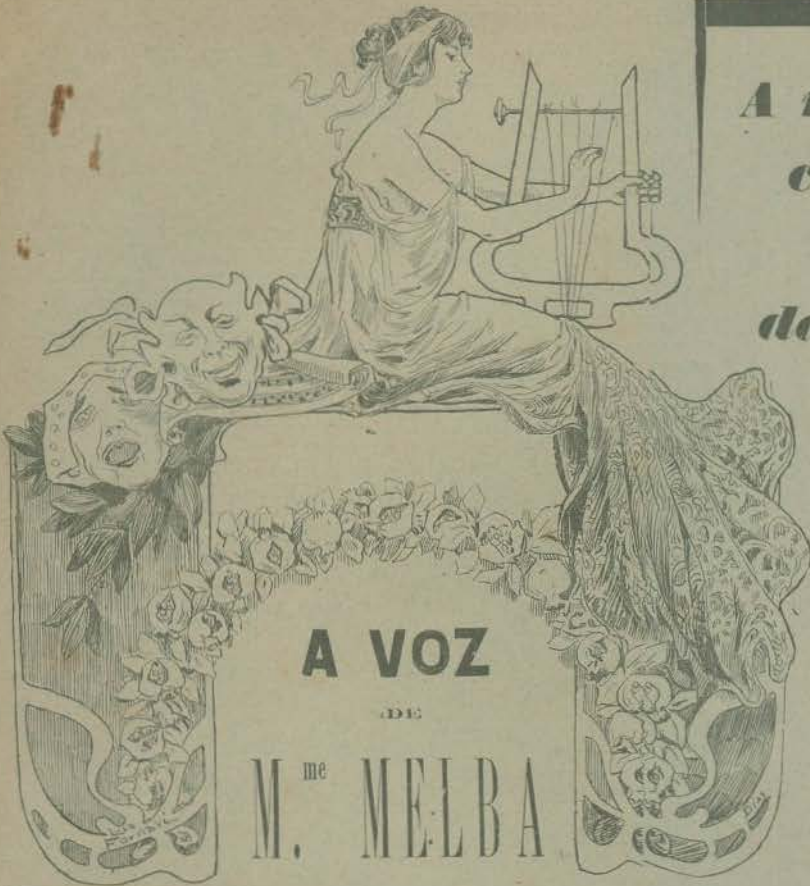
FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3



**A mais
celebre
soprano
da actualidade**

IMPRESSA NOS DISCOS

DA

**Companhia
Franceza**

DO

**A VOZ
DE
M.^{me} MELBA**

GRAMOPHONE

M.^{me} Melba ha quatorze annos que encetou a sua carreira artistica, que a imprensa de todo o mundo considera uma serie ininterrupta de triumphos. A sua primeira gloria foi o papel de *Giralda*, em 1890, no Theatro Monnaie de Bruxellas; no anno seguinte em Londres alcançou o mais completo successo que se tem visto, na *Lucia*; e em Paris durante as representações do *Hamlet*, na Opera, a sala em peso fez-lhe a maior ovacão que tem tido as Ophelias.

Dois annos depois a sua reputação estava solidamente estabelecida em toda a Europa, cantando em São Petersburgo e Monte-Carlo.

DISCOS CANTADOS EM FRANCEZ

03023	HAMLET — Scene de la Folie (première partie) com acompanhamento de orchestra. <i>Ambroise Thomas</i>	03024	HAMLET — Scene de la Folie (Secondo partie) com acompanhamento de orchestra. <i>Ambroise Thomas</i>
03029	SI MES VERS AVAIENT DES AILES <i>Reynaldo Hahn</i>	03016	NYMPHES & SYLVAINS <i>Bemberg</i>

DISCOS CANTADOS EM INGLEZ

03021	SWEET BIRD (Doux Oiseau) com acompanhamento de flauta por monsieur Gaubert da Opera de Paris. <i>Handel</i>	03025	GOOD-BY (Au Revoir) <i>F. Paolo Tosti</i>
		03037	THREE GREEN BONNETS (Trois bonnets verts) <i>Guy d'Hardelot</i>

DISCOS CANTADOS EM ITALIANO

03025	RIGOLETTO — (1.º e 2.º Nome), com acompanhamento de orchestra. <i>Verdi</i>	03020	LUCIA DI LAMMERMOOR , (Scene de la Folie) acompanhado a flauta por monsieur Gaubert da Opera de Paris. <i>Donizetti</i>
03019	SE SARAN ROSE <i>Arditi</i>	03017	TRAVIATA — Ah Fors'e lui (Andante) <i>Verdi</i>
03013	MATTINATA <i>F. Paolo Tosti</i>	03026	TRAVIATA — Ah Fors'e lui (Allegro) <i>Verdi</i>
03028	PORGI D'AMOR <i>Mozart</i>		

Todos estes discos fi zem parte do novo catalogo 1904-1905, bem como innumeradas novidades em discos Portuguezes.

Companhia Franceza do Gramophone

LISBOA

RUA GARRETT, 47. 2.º

AGENTE NO PORTO

ARTHUR BARBEDO — Largo de S. Domingos, 12.º

AGENTE EM BRAGA

MANUEL ANTONIO MANEIRO GOMES

A. VIEIRA DA SILVA - ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem



NESTLÉ
FARINHA LACTEA



AGENCIA FINANCIAL
DE
PORTUGAL
Rua General Camara
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

O MELHOR DIGESTIVO — TONICO — REVROSTHENICO

VITALOL

DE
Meyralles & Moura Brasil

A análise — o superior tribunal da sciencia — tem reconhecido o valor curativo do VITALOL nas moléstias onde ha perda de phosphatos: Tuberculose — Histerias — Dyspepsia — Neurosthenia — Debilidade cerebral — Saracismo — Cansaco physico e intellectual — Digestões difficilissimas — Insomnias — Espasmos — etc.

DEPOSITOS
Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Droguaria America
EM TODAS AS BUHAS PHARMACEUTICAS

VEIGA & C.^a

Saccam sobre o Banco Alliança do Porto e seus Correspondentes e Agentes em Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres.
104, Rua do Rosario-RIO DE JANEIRO

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza fundada e amortizavel, nos termos da legislação vigente, bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco de Portugal, Caixa Geral do Thesouro Portuguez, em todas as capitães do districto e sedes dos concelhos do Reino e ilhas adjacentes.

O AGENTE FINAN. GERO
Alfredo Barbosa dos Santos

Francisco Leal & C.^a
IMPORTADORES

Carvão de pedra de todas as qualidades, coke e ferro gusa para fundições

AGENTES DO CARVÃO DOMESTICO
Deposito—Rua do Bambão, 14 a 26
Escriptorio — Rua 1.^a de Março, 67, 1.^a
RIO DE JANEIRO

LUIZ DE CAMÕES

por Antonio de Campos Junior.—Segunda edição cuidadosamente revista e ampliada pelo autor
Grandiosa romance historico com magnificas gravuras — *Beirado a todos os assignantes* Camões glorificado artistico quadro a cores—Assignatura permanente em tomos de 300 réis.—A obra completa em brochura, 4.000 rs. e cartonada em percollina 5.000 rs. Capas em separado para os dois vol. 1.500 rs.—SECULO-Lisboa.

XXIX
XXIX



LOMBADAS

A rainha das aguas de meza, leve, estomacal, digestiva, limpida e pura

GRAND PRIX na Exposição Internacional de S. Luiz em 1904
MEDALHA DE OURO na Exposição do palacio de Crystal de Londres em 1904

O acido carbonico é NATURAL

Não é, como em algumas aguas, introduzido artificialmente

É AGUA CARBO-GAZOSA-NATURAL

Ela a sua analyse official:	
Bicarbonatos de cal e de soda	0,054 grammas
Chloretos de potassio e de sodio	0,029 "
Peroxidos de ferro e de manganex	0,007 "
Silices	0,089 "
Acido carbonico, livre	2,835 "

Esta agua é muito recommendada para dores de estomago, digestões difficeis, figado, rins e bexiga

E' uma agua de que se pôde usar e abusar sem receio, porque o acido carbonico que ella contem é natural

Agente nos Estados Unidos do Brazil

MENÈRES & C.^a—Porto

Agente especial nos Estados do Pará e Manaus

Antonio Marques dos Santos
Largo do Caldas, n.º 1—LISBOA

Pedir tabellas de preços e analyse official no
DEPOSITO GERAL
EM LISBOA—106, Avenida da Liberdade, 110
NO PORTO—Alfredo de Souza Johnston—Praça Carlos Alberto, 93
EM COIMBRA—Rodrigues da Silva & C.^a—Rua Ferreira Borges
VENDA A MIUDO—Em todas as pharmacias, drogarias, hoteis, restaurantes, etc., etc.

XXIX
XXIX